

Ética e estética em dois romances polifônicos: *Uma certa paz* e *A caixa preta*, de Amós Oz
Ethics and Aesthetics in Two Polyphonic Novels: *Uma certa paz* and *A caixa preta*, by Amos Oz

Berta Waldman*

Resumo: Publicado originalmente em Israel, 1982, *Menuhá Nehoná*, e lançado no Brasil apenas em 2010 com o título *Uma certa paz*, o livro do consagrado escritor Amós Oz concentra-se no intervalo entre os anos 1965 e 1967, período imediatamente anterior à Guerra dos Seis Dias, que transformou o Estado de Israel de maneira radical. Foi depois dessa guerra que Israel desenvolveu a ambição pelos territórios ocupados e começou a utilizar a força militar como meio de conquistá-los. A violência e o confronto das personagens entre si e com a sociedade propiciam questionamentos éticos que extrapolam o plano temático, marcando presença em estratégias de construção do romance, que culminam na polifonia, que transparece mais bem elaborada e de forma radical em outro romance de Amós Oz, *A caixa preta*.

Palavras-chave: Literatura israelense. Território. Amós Oz.

Abstract: *Menuha Nehona*, originally published in Israel in 1982 and released in Brazil only in 2010 under the title *Uma certa paz*, the internationally acclaimed book by Amos Oz, focuses on the interval between the years 1965 and 1967, immediately prior to the Six Days War that modified the State of Israel in a radical way. It was after this war that Israel developed a craving for the occupied territories and began to use military force as a means of achieving them. Violence and confrontation between the characters themselves and the society provides ethical questions that go beyond the thematic plane, being present in building strategies of the novel, culminating in polyphony, which is more elaborate and radically evident in Oz's posterior novel *A caixa preta*.

Keywords: Israeli literature. Territory. Amós Oz.

Publicado originalmente em Israel, em 1982, *Menuhá Nehoná*, e lançado no Brasil apenas em 2010¹ com o título *Uma certa paz*, o livro do consagrado escritor Amós Oz concentra-se no intervalo entre os anos 1965 e 1967, período imediatamente anterior à Guerra dos Seis Dias, que transformou o Estado de Israel de maneira radical.

Passados cerca de 18 anos da Fundação do Estado, o hiato entre os ideais fundadores e a realidade cotidiana vai se tornando paulatinamente mais perceptível para os habitantes do *kibutz*, espaço escolhido para sediar o romance. Foi depois dessa guerra que Israel desenvolveu a ambição pelos territórios ocupados e começou a utilizar a força militar como meio de conquistá-los. Os limites entre o bem e o mal não são absolutos e são múltiplas as posições políticas expressas nesse romance.

O primeiro ministro que ocupou o cargo de 1963 a 1969, Levi Eshkol, contracena no romance com os amigos “kibutzianos” portando a bandeira da paz, na qual acredita. Mas sua voz começa a ser abafada pelo ambiente de tensão que se arma no *kibutz*, envolvendo tanto questões políticas, como uma história de amor, solidão, desejo e desespero. Essa linha divisória sobre a qual se constrói o romance, também ele dividido em duas partes (a primeira, “Inverno”; a segunda, “Primavera”), é atravessada por outros fios que se entrecruzam, representados principalmente pela trajetória de Ionatan Lifschitz, 26 anos, filho de Iulek, líder e antigo pioneiro do *kibutz* Granot, próximo da fronteira com a Síria. Saturado da rotina monótona da comunidade rural e também do casamento com Rimona, Ionatan sente-se esgotado com a revisibilidade da vida dentro do círculo kibutziano que cerceia seus passos. Por isso, vive atormentado pela sensação de aprisionamento e pelo desejo de se lançar no desconhecido.

Fazendo o percurso contrário, Azaria Guitlin, de origem russa, socialista convicto, filho de sobreviventes do Holocausto e vindo de Tel Aviv, pretende tornar-se parte do *kibutz*, sociedade vista por ele como igualitária e democrática.

Embora antagônicos, esses dois personagens partilham os mesmos sonhos e são o retrato bifronte de Israel. Por isso se unem fortemente e dividem a mesma mulher. Quando Ionatan parte, Azaria assume sua casa e sua esposa na expectativa sincera da volta do amigo. À chegada de Azaria e à partida de Ionatan, Amós Oz contrapõe as vozes de Iulek e de sua mulher Chava, entre outros, na construção de um romance polifônico que antecipa a estrutura de sua obra mais conhecido no Brasil, *A caixa preta*,² romance epistolar que radicaliza a polifonia porque elimina o narrador, propiciando a interação de uma multiplicidade de vozes e de pontos de vista.

Transformando o plano político em doméstico e deixando emergir ecos da voz do personagem, o narrador relata a sensação de liberdade que advém da saída de Ionatan do *kibutz*:

Não tem do que reclamar: tudo está correndo como planejado. O deserto está pronto e à espera. Qual é a pressa? Sua mochila, sua arma, o saco de dormir que surrupiou, os pentes da munição, a parca, carrega nas costas e sai em passadas sonolentas. Cansado? Um pouco. Não faz mal, na verdade exatamente o contrário, como se estivesse, depois de vinte horas seguidas de sono; confuso e sereno. Pois ele dormiu e dormiu e dormiu dias, noites, semanas, meses e anos de sua infância juventude maturidade, dormiu o tempo todo como uma pedra e agora está desperto como um demônio, levanta-se e vai embora. Com certeza tem um provérbio russo para isso também. Que importa. [...] A vida está começando. (p. 281-282.)

Amós Oz costuma afirmar que seus romances não são políticos, mas metapolíticos. Nos dois casos, é certa a noção de que ideias abstratas contaminam uma obra de arte, se a ideologia se agrupa em massa, pondo em perigo a vivacidade do texto. As ideias que estimularam o escritor devem permanecer invioláveis, mas, uma vez postas em ação no texto literário, não podem mais se manter como meras massas de abstração. Devem vir dissolvidas em movimento, fundindo-se com as emoções e ações dos personagens. Este é o grande desafio: fazer que ideias ou ideologias ganhem vida, dotando-as da capacidade de instigar personagens a gestos de paixão, e, mais ainda, criar a ilusão de que são dotados de uma espécie de movimento independente, de modo que eles próprios – aqueles pesos abstratos de ideia ou ideologia – pareçam transformar-se em personagens ativos no texto político. Howe:

Esse vem sendo o propósito de Amós Oz, ficcionista e militante político da esquerda israelense, ligado ao movimento pacifista Shalom Ahshav (Paz Agora), que a partir da década de 1970 assume uma atitude crítica, apontando na imprensa escrita e televisiva sua posição a propósito dos rumos políticos do país.

Nascido em Jerusalém em 1939, Amós Oz passou grande parte de sua vida no *kibutz* Hulda. No início, o *kibutz* forma um importante eixo aglutinador de sua obra que, embora distante do realismo, toma sua matéria dessa realidade sua conhecida. Oz usa essa comunidade como cenário de luta entre forças que não são estritamente sociais nem psicológicas, mas que lhe servem para expressar dilemas existenciais através de esquemas simbólicos. Os diferentes pontos de vista permitem ao autor compor um ambiente conflitivo, porém amistoso, que se desenvolve perto das ruínas de uma aldeia árabe, construída no século 8 e destruída durante a declaração de independência de Israel. A aldeia sinaliza uma história que não dá para esquecer. Ela está presente na paisagem, no convívio e num transcurso histórico que ainda não alcançou um desenlace razoável. A propósito do conflito árabe-israelense, a

fácil divisão entre amigos e inimigos, bom e mau fica ultrapassada num relato significativo de Ionatan, que começa com considerações a respeito de sua bondade, entre outras coisas, por ter deixado a esposa para o amigo:

Quando eu era criança, todos lá me chamavam de “bom”. Toda a vida tive vergonha de ser bom assim, pois o que queria dizer isso de ser bom? Era como ser um carneirinho branco e fofo na ponta do rebanho deles. Mas a partir de agora é diferente. A partir de agora sou bom de verdade. Minha mulher, por exemplo, eu dei de presente a um rapazinho, um novo imigrante. [...] Para os meus pais, de um só golpe resolvi um problema de vinte anos: acordaram de manhã e viram que o problema não existia mais. [...] E essa Rimona ganha de mim, na bandeja, um macho novinho em folha que pelo mesmo preço é também um menino que se pode mimar e ver crescer. [...] Os sírios que matei, matei sem ódio e sem nenhuma motivação pessoal: eles vieram nos matar e fomos mais ágeis que eles. Fomos obrigados a ser. Srulik, o músico, disse uma vez que no mundo já existe bastante dor e que nossa missão é reduzi-la e não aumentá-la.

Deixe disso, você também, com todo esse seu sionismo, foi o que eu disse a Srulik. Bobamente. Porque este é um sionismo sincero. Eshkol e meu pai e Srulik e Ben-Gurion juntos são os judeus mais maravilhosos que já houve no mundo. Nem na Bíblia tem como esses. Mesmo os profetas, com todo o respeito que merecem, só foram pessoas que falaram usando palavras muito bonitas mas não faziam nada. E aqueles nossos velhotes perceberam de repente, cinquenta anos atrás, que para os judeus o fim se aproximava e começava uma grande tragédia. (p. 285.)

Entre as promessas de uma vida comunitária e as ruínas, equilibram-se os sonhos e premonições de Azaria e as decepções de Ionatan. O primeiro, leitor de Espinoza (1632-1677), filósofo em que se especializou na Universidade Hebraica de Jerusalém, tenta argumentar em defesa da ordem obrigatória e fixa da realidade, quando o amigo Ionatan interrompe seus devaneios justamente com a crueza da realidade, lembrando que num ataque ao exército sírio, ele e outros soldados israelenses levaram um cadáver cortado pela metade, acomodaram a parte da barriga para cima no banco do motorista de um jipe, com mãos no volante, e lhe enfiaram um cigarro aceso na boca. Ele e os demais sempre se lembram do episódio rindo, como se fosse de uma piada. “O que seu Espinosa diria sobre isso? Que somos lixo? Animais selvagens?”

Os limites entre o bem e o mal não são absolutos e são múltiplas as posições políticas expressas nesse romance. O harmonizador da polifonia é justamente Srulik, que sucede Iulek no comando do *kibutz*. Ele é músico e sabe orquestrar as vozes conflitantes do romance. Daí a ênfase que recebe ao final. Espécie de *alter ego* do escritor, ele evita generalizações, ouve a todos e não edifica sua experiência como modelar, num mundo que segue um ritmo desnorteante de mudanças contínuas e imprevisíveis.

Em defesa da inteligência, que sofre sempre o risco de atolar num pântano de bobagens para fazer o leitor e a classe média em geral se sentir segura, a atuação de Amós Oz não é salvacionista, nem pretende oferecer um “mapa moral” de vítima ou de opressor social a ser seguido. Os personagens estão inseridos na vida e perseguem uma dose de “ilusão” sem a qual é difícil viver em sociedade.

O empenho do autor é chegar ao osso, ao fundo das coisas, à sua estrutura mais elementar. É chegar ali onde a ilusão não habita.

Para chegar a esse limite, Amós Oz faz emergir a voz do outro que, de modo mais abrangente e mesmo radical, determina a estrutura ficcional de *A Caixa Preta*, romance em que o narrador desaparece. Nele, o autor conduz com perfeito domínio o destino das personagens e as motivações políticas da sociedade israelense, construindo as duas partes sincronicamente, como dobradiças em que o duplo movimento agiliza a função. A ação do romance situa-se em 1976, portanto, um ano antes de o Likud substituir o partido trabalhista em Israel, determinando uma virada importante nos rumos do país. Conste que até hoje o Partido Trabalhista não voltou ao poder.

O romance é composto de correspondências: cartas e telegramas que as personagens trocam entre si. Trata-se, pois, de um romance epistolar, gênero que desfrutou de enorme prestígio no século 18. *Werther*, de Goethe; *Ligações perigosas*, de Laclos, são exemplos de romances epistolares. Nesse tipo de romance, como numa peça de teatro, o narrador se oculta em benefício de suas personagens que ganham o primeiro plano. A drástica redução da mediação narrativa dá a esse tipo de romance uma temporalidade essencialmente dramática. Contrariamente à literatura memorialista, por exemplo, que costuma jogar com a distância entre o presente do narrador e o passado remoto da história, o romance epistolar tende a identificar os dois planos. Os missivistas ficam mergulhados na opacidade do presente e desconhecem qualquer futuro, pois contam a história ao mesmo tempo em que vivem os acontecimentos.

É como o espectador de teatro que o leitor tem de montar, a partir das cartas, a fábula do romance, seu enredo, e também compor o perfil das personagens, que não são apresentadas, nem contadas por um narrador, mas desdobram-se diante dos olhos do leitor, com suas incertezas, oscilações e contradições.

A Caixa Preta pode ser lida também como uma *montagem* de fragmentos. A montagem provoca o efeito de “choque”, pois quando o espectador percebe uma imagem, ela logo é interrompida, sem poder ser fixada. Na linguagem escrita esse “choque” se dá com a ruptura de uma continuidade, o que tira o leitor de sua inércia e o obriga a pensar, a se fazer perguntas, a sair de sua passividade e a assumir uma recepção mais ativa e crítica.

Em linhas gerais, o romance apresenta um embate ideológico, quando mostra a desestruturação de uma família ashkenazita³ bem estabelecida, que acaba acolhendo um membro da comunidade judaica oriental, o que acelera o sepultamento de uma era cujo tempo de glória e de superioridade acabaram.

Michael Sommo, além de oriental, é de convicção religiosa e ideias de direita com relação ao “Grande Israel”, e vem, no romance, substituir e desbancar a figura todo poderosa de outro protagonista, o intelectual bem-sucedido Alexander Guideon, que, além de tudo, é simpatizante da esquerda política israelense. Este serviu o exército e tornou-se um pensador de esquerda destacado, alcançou um reconhecimento internacional, porém deslocou-se para o exterior, abandonando Israel nas mãos da direita, representada no texto por Michael Sommo.

O romance, portanto, anuncia um desfecho que acontecerá nas décadas de 80 e 90, quando o período heroico dos sabras de origem europeia começou a se esgotar, e os pioneiros que sonharam em criar uma sociedade laica e pluralista tiveram que enfrentar a frustração.

A caixa preta de um avião permite desvendar o motivo de um acidente. Mas o romance é uma cartola de mágico que dá a ver, na superfície, uma rede de relações conflitivas que atam uma família integrada por Alexander Guideon, um importante intelectual, Ilana, sua ex-mulher, Boaz, o filho de ambos, criado durante sete anos como bastardo, e o novo marido de Ilana, Michael Sommo. Sob essa trama corre outra subterrânea, representando os conflitos que ressoam em nível sociopolítico.

As relações entre Sommo e Alex são representativas das relações étnicas entre ashkenazitas e sefarditas,⁴ esquerda e direita em Israel. A esquerda mostra-se em baixa, e em seu lugar surge uma

força nova, a força do judaísmo mediterrâneo, que acredita no Grande Israel e que está se preparando para substituir o Israel anterior.

A partir da primeira carta de Ilana a seu ex-marido Alex, entra em cena um jogo de paixões que cresce com o desenrolar do texto (marido e mulher, embora separados, são extremamente apaixonados um pelo outro) entremeado com relações de poder, que vêm marcadas pela circulação do dinheiro. Paixão e dinheiro, entretanto, não caminham no mesmo fluxo. O dinheiro flui de Alex para Sommo, para Boaz e para o advogado Zakheim, podendo tanto corromper como construir. Já as paixões exacerbadas que desencadearam a quebra dos laços familiares, terão o fôlego necessário para reconstruí-los, embora deslocados para outro lugar e em outra condição, isto é, os protagonistas da paixão terão que se submeter aos dados da realidade (doença e morte) e aceitar sua mudança de posição.

Desse modo, a linguagem circula e carrega o dinheiro e a paixão. Assim, lentamente, Sommo, o humilde professor de francês, começa a transformar-se ao perceber a possibilidade de começar a receber uma ajuda financeira do ex-marido de sua esposa. O dinheiro o corrompe, pois ele abandona sua carreira de professor, usa o dinheiro de Alex para reformar sua casa, sua vida, ingressa num movimento de direita nacionalista militante e passa a dedicar-se à compra de terras nos territórios ocupados, planejando levar a família para viver no bairro judaico na cidade velha de Jerusalém. Fundamentalista, acredita num futuro novo inspirado no passado. Sua fala é formal e permeada de citações bíblicas que vão se tornando cada vez mais frequentes na medida em que o romance evolui e sua adesão ao nacionalismo se acentua. Seu empenho é o de impor a posição que defende aos que o rodeiam. Assim, Boaz teria que se educar em Kiriath Arba e Ilana, teria que reeducar-se dentro da tradição religiosa. Ambos, porém, escaparão da órbita de sua influência.

A transformação de Sommo se faz, segundo lhe parece, em nome do Sionismo. Comprar terras, casas em Hebron, reconstruir as antigas sinagogas, numa cidade que já fora a sede do reinado do rei Davi, são parâmetros ideológicos que têm na mira a reconstrução de um mapa antigo da terra de Sion. E impor a Halachá, a lei religiosa judaica, a todos os cidadãos de Israel, sem se importar com a concepção ideológica e religiosa de cada um, é a forma que ele privilegia para redimir o presente israelense e plantar a salvação futura, preparando a vinda do Messias.

Sommo expressa a frustração que sente por não fazer parte da sociedade constitutiva da empreitada sionista, ele, um novo imigrante, um imigrante oriental, de estatura menor que os judeus europeus, dá vazão a sua frustração na atividade política, opondo-se fortemente aos árabes. Assimetrias intra-étnicas e inter-étnicas se cruzam e cabe ao mais fraco a obrigação de respeitar a força e o poder de quem o tem em mãos.

Alex é seu antípoda tanto no aspecto físico quanto na origem, no trabalho, na ideologia. Filho de um pioneiro imigrante da Europa Oriental convulsionada pelo antissemitismo, seu pai, movido pelo sonho sionista secular, vai para a Palestina e rompe os laços com a tradição e com o judaísmo normativo para ajudar a construir uma nação moderna. Esse pai projeta para seu filho nascido na Palestina um futuro heroico, ele seria o sabra alto, destemido e forte, orgulhoso de seu país, o oposto do judeu diaspórico oprimido e sacrificado. Criado para sentir ódio, para defender-se, Alex tornou-se um comandante perdido e solitário e é no exército que conhece aquela que será sua mulher, Ilana. Um casamento complicado feito de jogos eróticos perigosos. O adultério da mulher separa o casal litigiosamente, deixando mãe e filho sem dinheiro, enquanto o pai amealhava uma fortuna. É essa fortuna que ele irá transferir durante o romance, num momento em que sua carreira de escritor e intelectual está no topo, mas sua saúde se vê prejudicada por um câncer irreversível.

Ironicamente, o herdeiro material de Alex será Sommo, cujo objetivo é o de criar uma sociedade inspirada no passado bíblico glorioso, segundo a ideologia que o aproxima do movimento

nacionalista *Gush Emunim* e do partido ultranacionalista *Kach*. No final do romance, Sommo compõe a imagem estereotipada do judeu oriental. Alex, por sua vez, sabe que o dinheiro herdado de seu pai e que pertencera à geração dos pioneiros, destina-se à compra de terras nos territórios além da linha verde, mas, assim mesmo, nomeia Sommo seu herdeiro. Há uma passividade e uma inoperância que talvez o autor coloque nos movimentos pacifistas e de esquerda que silenciaram diante do avanço nacionalista. Assim, Sommo transforma-se numa nova figura que não hesita em tomar o dinheiro do “opressor” ashkenazita e, graças a ele, transforma-se num homem moderno, com poder de decisão no novo cenário político israelense.

Boaz, o filho de Alex, sonhador e idealista, participa no romance instaurando uma quebra entre a ideologia sionista e uma prática amorosa de se enraizar no território que fora desbravado pelos pioneiros, como é o caso de seu avô, sem nenhuma nostalgia do passado grandioso do Israel bíblico. Seu tempo é o presente e seu propósito é o de redimir a terra, com o trabalho de suas próprias mãos. Que cada um faça algo de construtivo, esse é o seu lema. Sua posição diante dos árabes é a de quem tem o direito de viver em sua terra, caso contrário, os judeus acabarão com os árabes e estes com os judeus, sobrando apenas escombros da Bíblia e Alcorão, chacais e ruínas de um passado glorioso.

Também para Boaz refluí o dinheiro de Alex, mas ele, no caso, não corrompe porque não é usado como valor de troca, nem como mediação de poder. O jovem trata os que o cercam como iguais, sua comunidade apresenta uma organização horizontal e ninguém exerce autoridade sobre o outro. Cada um tem autonomia para fazer o que quer, na hora que quer, ligando-se todos pelo empenho comum de uma construção coletiva.

É essa organização, na qual há lugar para todos, até mesmo para Sommo, a matriz que ditará a forma desse romance de Oz. Essa é a microcomunidade imaginada como modelo ideal da nação: concede voz a todos, a todas as representações de forças políticas de Israel, mesmo àquelas com as quais o autor não concorda. É sobre esse modelo que se estrutura o romance polifônico de Amós Oz. A partir dessa construção, ele mostra a singularidade de uma comunidade que, com todos os defeitos, conseguiu moldar uma sociedade singular. Talvez Sommo e Boaz tenham que disputar algum dia a liderança do país, mas o romance, com certeza, torce pelo segundo.

Buscando as vozes que contracenam sem submeter-se ao comando de um único desígnio, o homem político, a contraface do escritor, também busca um olhar equânime em relação ao conflito israelense-palestino:

Israelenses e palestinos vão chegar a um acordo tristemente pragmático: haverá um estado da Palestina ao lado do de Israel; sem lua-de-mel nem história de amor, mas viveremos como vizinhos civilizados. Não sei quando isso virá, mas posso prometer, em nome de israelenses e palestinos, que se a Europa demorou mais de mil anos para acabar com as guerras e criar a Comunidade Européia, nós o faremos mais depressa e derramaremos menos sangue. Tenham um pouco de paciência e não tenham uma atitude de condenação, indignação, ou paternalismo... Não nos digam que somos terríveis. Tentem ajudar. Dêem às duas partes toda a empatia que puderem. Isso é o que faço em meu livro, não julgo quem era bom e quem era mau entre meu pai e minha mãe. Escrevo sobre os dois, com toda a empatia de que sou capaz.⁵

Tanto em *Uma certa paz* como em *A caixa preta* percebe-se que o autor quis dar voz a diferentes personagens, porque ao mesmo tempo em que estas se constroem na e através da escrita, elas compõem algum segmento social e político da vida social e política do país. Transformando o drama político em doméstico, os romances revelam as divergências entre as gerações, entre personagens da

mesma geração e se abrem para uma reflexão sobre as múltiplas maneiras de ler aqueles específicos períodos de transição na história de Israel.

As duas obras mencionadas mostram, em diferentes graus, a polifonia, como um exemplo rico de como algo que é externo à obra literária (no caso, a ideologia, a ética) passa a interno e integrado na forma que aciona as pulsações narrativas.

* **Berta Waldman** é Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Universidade de São Paulo e professora colaboradora da Universidade de Campinas. É autora de, entre outros títulos: *Entre passos e rastros*, 2003 e *O teatro ídiche em São Paulo*, 2010.

Notas

¹ Amós Oz, *Uma certa paz*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Quanto à tradução do título, o próprio tradutor aponta que ele aparece na primeira frase da prece judaica “El malé rachamim”, rezada pela elevação da alma dos mortos. O termo *nehoná* reaparece no romance com o sentido oscilante de “correto” e em todos os sentidos de “certo”, inclusive o de indeterminação.

² *A caixa preta* (trad. Nancy Rozenchan), São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³ Judeus ashkenazitas são aqueles provenientes da Europa Oriental e falantes do ídiche. Eles tiveram um papel preponderante na fundação e construção do Estado de Israel.

⁴ Judeus sefarditas são aqueles que foram expulsos da Península Ibérica e dispersaram-se por outras diásporas. São falantes do ladino. A diferenciação entre sefarditas e ashkenazitas ficou mais evidente a partir do século 16. Basicamente, a diferença era de rito e tradição sinagoga, sendo que a dos sefarditas ligava-se ao judaísmo da Babilônia, e a dos ashkenazitas, ao da Palestina. Refletia-se também na pronúncia do hebraico, nos hábitos sociais, no vestuário. O grande centro cultural da vida sefardita até a era moderna foi Salônica, arrasada pelos nazistas em 1943. Ultimamente manifesta-se certa tendência a se considerar como sefarditas todos os judeus orientais (muitos dos quais adotaram o ritual sefardita), ou mesmo todos os não ashkenazitas.

⁵ Entrevista a *Entre Livros* a propósito de *De amor e trevas*, janeiro 2007.